

V

A BESTA DE DOIS CÓRNOS

— Estudo retrospectivo da instituição do duplo poder espiritual e temporal dos Papas — O general romano Belisário — O imperador Justiniano do Oriente — Pepino - o breve - e Carlos Magno — Diretório e Consulado — Império Napoleônico e Congresso de Viena — As duas revoluções de 1848 em França e na Itália — Garibaldi e Mussolini.

O principal e, aparentemente, paradoxal papel desta besta apocalíptica que, como as demais, tem por característicos um sinal e um número, é ferir de morte a sua congênere para, em seguida, operar "o milagre" de curá-la e torná-la inteiramente rediviva (Vide Apoc. XIII: 11/18).

Bêsta exclusivamente temporal ou terrestre, cuja atuação não tem limites certos ou definidos, esta é, sem a mínima dúvida, uma entidade crônica que simboliza, com seus dois cornos, duas potestades ou modalidades de um mesmo ESTADO TERRITORIAL. Uma destas, por intermédio da morte ou da espada, exerce um poder preparatório terrestre, ao qual a segunda completa, estabelecendo ou restabelecendo, por intermédio do espírito ou da mística (decretos, leis ou ideologias), um poder essencialmente superior às conquistas ou obras da primeira.

Ora, tendo sido numerosos os Estados ou poderes mundanos que, dentro da História, têm desempenhado esse papel dúplice, conclui-se que, da reunião ou integração de todas essas entidades parciais, obteremos a BESTA DE DOIS CÓRNOS TOTAL, ou seja a BESTA DA TERRA integralizada.

Esta exegese, absolutamente lógica e bíblica, ajusta-se como uma luva aos acontecimentos históricos que essa besta apocalíptica prefigura.

Vejâmo-lo. Embora, de acordo com todos os historiadores, haja o Império Romano Total caído no ano 395 com a sua divisão em dois (o do oriente e o do ocidente) e este último em 476, pela invasão e subdivisão do seu território pelos bárbaros, é fato que aquele império — o 7.º dos impérios pagãos da cadeia simbolizada pelo dragão vermelho — só se tornou rigorosamente Babilônia (confusão, torre ou babel de leões) após a sua definitiva conquista pelos bárbaros. Com efeito, não obstante houvesse Constantino Magno (313-325 AC.) aderido ao Cristianismo e feito dele a

religião oficial do Império, a subdivisão deste em numerosos estados heterogêneos jamais permitira que esse conglomerado de leões ou verdadeira Babilônia parcial fosse integrada sob um mesmo e místico cétró — o do Império Romano Espiritual ou Grande Babilônia Mística.

Foi o de que, entretanto, se incumbiu a primeira parcela ou manifestação da BESTA DE DOIS CÔRNOS — então o próprio Império Romano dividido exatamente em DOIS (os dois corno) — por intermédio do seu célebre General Belisário (1.^o corno). Este, ferindo de MORTE a última cabeça da Grande Babilônia Mística (a 7.^a da série simbolizada pelo dragão vermelho), precisamente 1260 anos após o aparecimento da sua 1.^a cabeça (a Assíria, 722 A.C.), isto é, derrotando materialmente em 538 A.D. o 10.^o dos reinos bárbaros (os Ostrogodos), permitiu entrasse em perfeita vigência o decreto em que o imperador do Oriente, Justiano (2.^o corno), proclamára em 533 a soberania espiritual do bispo de Roma sobre todos os povos do Império.

Era, indiscutivelmente uma nova Babilônia Mística Espiritual, levantada, maravilhosamente de acôrdo com as profecias, não só sobre as ruínas da velha Babilônia Imperial Pagã, mas também sobre as ruínas da formidável série de Babilônias parciais prefiguradas pelo símbolo dragão vermelho (Apoc. XII).

Bíblicamente, pois, marca o ano de 538 a data real da queda definitiva do Império Romano.

Estabelecida, por esta forma, a nova Babilônia Mística (a Babilônia Papal) ou, melhor, uma segunda etapa da primeira GRANDE BABILÔNIA imperial ("Roma semper eadem!"), não foram, entretanto, desde o começo, os dias da nova "potestade" de perfeita paz, porquanto começaram os Papas a sofrer desde logo insistente e rude campanha.

Pepino — o Breve — rei dos francos (1.^o corno de uma segunda parcela ou manifestação da BESTA de DOIS CÔRNOS), incumbiu-se, entretanto, de consolidar a nova e Grande Babilônia Mística, ferindo de morte (754/755) o seu acérrimo inimigo, Astolfo, rei dos bombardos, arrancando-lhe os territórios que compunham o chamado exarcado de Ravena e a "Pentápole", e doando-os (756) ao Papa; como um patrimônio TERRITORIAL que deu origem aos célebres ESTADOS PONTIFÍCIOS (Patrimônio de S. Pedro).

Posteriormente, confirmando a doação de seu filho Pepino, o grande rei Carlos Magno, também franco, (2.^o corno da besta) após novamente vencer aos bombardos, não só ratifica (774), solenemente, aquela doação, mas, recebendo em recompensa das próprias mãos do Papa (800), a corôa de Grande e Legítimo Imperador do Ocidente, restaura, por longo tempo, as forças da Grande Babilônia, combatida pelos contínuos golpes de espada dos bárbaros.

Completado em 1798, como vimos em outras partes anteriores, o segundo ciclo profético da Grande Babilônia Mística, fêre-a, por sua vez e de MORTE, a espada do grande Napoleão, que, em substituição a ela, funda o seu famoso e imenso império territorial. Era então a nova França

que por intermédio do DIRETÓRIO (1.º corno, de uma nova modalidade da besta de 2 cornos), ferira de morte a Grande Babilônia Papal!

Pois seria, como foi, exatamente essa mesma França que, sob uma segunda modalidade de governo — o consulado, 2.º corno da famigerada besta — se incumbiria, ainda por intermédio do mesmo Napoleão, de curar aquela ferida de morte, fazendo com o Papa a célebre concordata de 15 de julho-16 de agosto de 1801.

Nova manifestação da **besta de dois cornos** nos proporciona ainda outra vez o mesmíssimo Napoleão, por intermédio do seu império em pleno **apogêu** (1.º corno) com um novo golpe contra o Papa a quem fêz prender em 1808.

Mas seria, como de fato o foi, o próprio Império Napoleônico, deruido pelo histórico Congresso de Viena (2.º corno), quem se incumbiria de restaurar (1815) a saúde à Grande Babilônia Mística, desde 1798 frequentemente ferida de morte, e depois restabelecida pela própria França.

Não obstante isto, continuou esta na sua paradoxal fãina de principal representante da famigerada besta apocalíptica de dois cornos.

Com efeito: consequência irrefutável da sangrenta revolução francesa de 1848, foi a revolução patriótica arrebetada na Itália no mesmo ano (1.º corno) chefiada entre outros por Mazzini, que deu em resultado nova deposição do Papa (Pio IX), que teve de fugir para Gaeta. E foi ainda paradoxalmente a França que por intermédio de suas tropas (2.º corno), se encarregou da reposição do Papa no seu trono (1849), ao qual, entretanto, sómente voltou em 1850.

Fôram, todavia, estes fatos os pródromos da manifestação de um novo e decisivo ciclo da famigerada besta apocalíptica.

Com a quêda de Napoleão III (18 de setembro de 1870) principal baluarte e defensor do Papa (NAPOLEON III, DERNIER SOUVERAIN FRANÇAIS = 666), vence, por intermédio da célebre brêcha da Porta Pia (20.IX.870), o indomável "capo di guerra" Garibaldi (Generale Giuseppe Garibaldi, "nuovo Napoleone", 666) como então lhe chamavam os italianos (1.º corno) definitivamente ao Papa Pio IX.

Era, positivamente, a nova Itália — a antiga e Grande Babilônia Imperial rediviva — (1.º corno) que, por sua vez, completando um ciclo profético, ferira então de MORTE a Grande Babilônia Mística, a célebre besta que subira do mar (Apoc. XIII 1:10).

Chegados porém a 1936, que vemos nós agora? Paradoxalmente a própria Itália Rediviva, o próprio Império Romano, por intermédio do genial Mussolini (2.º corno da besta parcial italiana e integral assírio-babilônico), isto é, o místico e novo

NABUCODONOSOR REX BABYLONIAE = 666

restaurando (11-II-1929), no mesmo dia da deposição do Papa em 1798 por Napoleão, quasi todo, ou, simbolicamente, todo o poder que a este fôra tirado por Garibaldi, em 1870!

CONCLUSÕES

Disto tudo concluirêmos: é a besta apocalíptica de dois córnos uma entidade bíblico-profética, perfeitamente definida (temporal e crônica) que podemos figurar esquematicamente da seguinte forma, em suas diferentes manifestações de golpes e curas:

1.º corno fere,
2.º " restaura

1.º corno fere,
2.º " restaura

1.º corno fere,
2.º " restaura

Nestas condições chegados à etapa

1.º corno (Garibaldi) feriu
2.º " (Mussolini) restaurou

concluirêmos: a primeira e próxima manifestação da besta de dois córnos será, provavelmente, um golpe de espada contra o Papado.

De quem esse golpe?

Do próprio e novo Império Romano Místico, isto é, ou de Mussolini ou de Hitler, ou de ambos juntos.

Não representará, todavia, esse golpe a última etapa da besta de dois córnos: ainda uma vez, pelo menos, curará ela a chaga mortal à Grande Babilônia Espiritual que será restaurada, real ou simbolicamente, pelo próprio Império Romano Místico, até a sua completa destruição pelo formidoloso URSUS profético. (1982/4).